

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Os fatos históricos a seguir mencionados representam os antecedentes históricos da presença da Marinha do Brasil na Amazônia, e distinguem-se como verdadeiras Operações Ribeirinhas desenvolvidas no passado do Brasil Colônia, em atuação contra os estrangeiros, entre eles notadamente holandeses, que haviam invadido as margens do Amazonas para o tráfico dos produtos da Colônia.

Em 9 de agosto de 1616, os então Alferes Pedro Teixeira e Gaspar de Freitas, com duas canoas armadas em guerra, bateram uma nau holandesa na foz do Xingu, enfrentando fogo cerrado de artilharia, que não poderiam superar, não fosse a criatividade de Pedro Teixeira. A artilharia da nau holandesa afundada foi mais tarde usada para armar o Forte do Presépio.

Em 20 de maio de 1623, chega a Belém, Aranha de Vasconcelos, nomeado para expulsar os estrangeiros localizados em Gurupá. Reunindo as forças de Luiz Aranha e Pedro Teixeira, destrói a Fortificação de Mariocay, onde estava instalada uma guarnição de holandeses e ingleses, em cujo local eleva outra fortificação, que se chamou de Santo Antônio de Gurupá.

Em 2 de maio de 1625, Bento Maciel incumbiu a Pedro Teixeira a tarefa de impedir uma nova tentativa de ocupação dos holandeses nas ilhas na Foz do Amazonas, onde foram arrasadas todas as fortificações.

Em 21 de outubro de 1625, Pedro Teixeira despoja a Fortificação de Torrego, na confluência do Maracapucu, onde novamente haviam se instalado os holandeses. Mais tarde, repele violentamente uma tentativa de desembarque de Roger Borth em Gurupá.

Em 1º de março de 1631, o capitão-mor Jácome Raimundo de Noronha desaloja ingleses, holandeses e selvagens instalados entre os rios Matapi e Ananirapucu, cercado o Forte Felipe.

Em 9 de julho de 1632, os capitães Chichorro e Pedro Baião atacam Camaú, construída pelos ingleses próximo à Torrego. Chichorro aborda a nau na qual o Capitão Rogério Fray fugia para Londres, dizimando-lhe a guarnição a 14 de julho.

Há que se ressaltar ainda o que ficou conhecido como a "Senda Naval de Pedro Teixeira".

A partir de informações sobre a existência de terras desconhecidas relatadas por dois leigos castelhanos em viagem de Quito para Encabelados, os quais viram-se perseguidos pelos selvagens e, cumprindo um itinerário totalmente novo, vieram dar no Maranhão, suspende Pedro Teixeira de Belém a 28 de outubro de 1637, por ordem do Governador Jácome de Noronha, com 45 canoas tripuladas e armadas. Visava o governador conhecer totalmente os seus domínios e fazer alianças com as tribos selvagens, impedindo assim a navegação dos holandeses em seu tráfico com o Peru, tido então como o mais rico país do mundo.

A 16 de março de 1639, toma-se posse para a Coroa de Portugal, na barra do Aguarico, das terras que para o ocidente se estendiam até a beira-mar. Com esse feito histórico, Pedro Teixeira não só dilatou, até as posições cisandinas de Castela, as fronteiras da pátria, como prestabeleceu os pontos estratégicos do limite hidrográfico da Amazônia, fechando o perímetro de suas defesas.

Os conhecimentos geográficos adquiridos e a sábia política indigenista de Pedro Teixeira, projetando ao longo do rio uma imagem favorável para os indígenas, criaram condições para

que os luso-brasileiros prosseguissem na penetração do Amazonas e dessa forma, no século XVIII, assegurassem pelo "Uti Possidetis", a incorporação da Amazônia ao território nacional.

A presença da Marinha do Brasil na Amazônia remonta a meados de 1728, quando o então Governador das Províncias do Maranhão e Grão-Pará, Alexandre de Souza Freire, temeroso com as incursões de piratas e colonizadores, vindas do mar, decidiu criar a DIVISÃO NAVAL DO NORTE, com sede na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, de onde poderia controlar a entrada de navios no rio Amazonas.

Ativada a Divisão Naval, foi sentida a necessidade de um apoio de base e, assim, em 1729, o mesmo Governador fundou a "CASA DAS CANOAS" (hoje local da Feira do Açaí no mercado do Ver-o-Peso), cujo propósito era construir e consertar as canoas de guerra, alojar pessoal, e armazenar mantimentos e material.

Em 1761, as oficinas da "CASA DAS CANOAS" foram transferidas para o Convento de São Boaventura, sede atual do Comando do 4º Distrito Naval, nascendo o ARSENAL DE MARINHA DO PARÁ, desativado em 1950, quando a BASE NAVAL DE VAL-DE-CÃES iniciou seus trabalhos.

A abertura da navegação do Rio Amazonas às nações amigas, em 1867, impôs a necessidade de resguardo da soberania do Império na região. Assim, em substituição à DIVISÃO NAVAL DO NORTE, foi instituída em 1868, a FLOTILHA DO AMAZONAS, visando a proteção do litoral e das vias interiores.

Com períodos alternados de localização entre Manaus e Belém, ficou a Flotilha baseada, definitivamente, em Manaus, a partir de 1974, enquanto que em Belém, foi criado o GRUPAMENTO NAVAL DO NORTE. À FLOTILHA DO AMAZONAS estão subordinados os Navios Patrulha Fluvial e os Navios de Assistência Hospitalar, ao passo que o GRUPAMENTO NAVAL DO NORTE possui Corvetas e Navios Patrulha.

Voltando um pouco no tempo, verifica-se que em 1940, em decorrência da guerra, havia sido criado o COMANDO NAVAL DO AMAZONAS, com sede em Belém e cuja competência e jurisdição foram reguladas em 24.10.41, dando-lhe autoridade sobre todas as repartições da Marinha na área.

Em 1942 esse Comando foi substituído pelo Comando Naval do Norte, cuja responsabilidade foi estendida aos Estados do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí. Finalmente, em 1945, recebeu a atual denominação: Comando do Quarto Distrito Naval.

Em 1994 foram criados o Comando Naval da Amazônia Ocidental e o 3º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral.

Recentemente, por meio da Portaria Ministerial n.º 003/2005 o CNAO passou à subordinação direta do Comando de Operações Navais, como fase do processo de criação do 9.º Distrito Naval, concluído em 03 de maio.

Fonte: BRASIL. Serviço de Documentação da Marinha. Revista Marítima Brasileira. Volume115, nº 10 a 12_Out/Dez, pgs. 19 a 32.I